



Fronteira Peru-Ecuador, a Questão de Côndor

Therezinha de Castro*

A articulista identifica a origem dos recentes conflitos fronteiriços entre o Peru e o Equador nos fundamentos geohistóricos, geopolíticos e geoestratégicos de fronteiras.

A região andina entre o equador terrestre e 6 graus de latitude sul, envolvendo o Equador, Peru e Colômbia, além do Brasil, é detentora das nascentes de vários rios, incluindo a calha principal da Bacia Amazônica. Embora constitua uma paisagem montanhosa, abrangendo os territórios do Peru e Equador, apresenta fácil comunicação, em função de vários "nudos", ou nós, entre os quais o de Pasto e Loja.

Até os 2 graus de latitude sul, a região andina equatoriana assemelha-se à da Colômbia meridional, envolvendo-se, em seguida, bem mais com o Peru, através das

nascentes de afluentes do Marañon, topônimo que recebe o Rio Amazonas na maior parte do território peruano.

O Rio Amazonas, considerado o maior do mundo em extensão, tem reivindicada, pelo Equador, a glória de sua primeira exploração e, conseqüentemente, descoberta. Data esse evento de 1540, quando chega, a Quito, o governador Gonzalo Pizarro, que convidou Francisco Orellana, governador em Guayaquil, para uma expedição que viesse a desvendar as terras desconhecidas do oriente andino. Assim, ainda no século XVI, do Rio Coca (hoje fazendo fronteira entre Equador e Colômbia), a referida expedição atingiu o Napo. Nos primeiros dias de junho de 1542, enfrentando chuvas violentas e continuadas, chegaram os exploradores a uma região

* Conferencista de Geopolítica na ECEMAR.

ocupada pelos índios *contipayaras* onde avistariam mulheres desnudas, armadas com arcos e flexas, o que levaria Orellana, em alusão às guerreiras mencionadas pelo geógrafo da antiguidade, Heródoto, a dar-lhes o nome de amazonas, topônimo que tem hoje o rio que, continuando o Napo, corta o território peruano para, depois de pequena fronteira com a Colômbia, entrar no Brasil.

Desse emaranhado dos rios nascidos na Cadeia dos Andes, à medida que nos afastamos do Pacífico, a paisagem vai perdendo a altitude para receber o nome de *yunga* — em Tabatinga, no Brasil, já a calha do Amazonas se encontra a 80 metros do nível do mar. Envolvida na parte mais baixa da Bacia Amazônica, essa área é também banhada por numerosos rios. Assim, do ocidente para o oriente, destacam-se o *Cenepa*, o *Santiago/Zamora*, o *Morona*, o *Pastaza/Bohonaza*, o *Corrientes*, o *Tigre/Cunambo/Pintoyacu*, o *Cononaco/Curaray*, *Napo/Yasuni*, *Guapi/Coca/Putumayo/Iça* no setor norte, enquanto no sul correm o *Hualaga*, *Ucayali*, além do *Javari* na fronteira Brasil/Peru (Mapa 1).

O domínio fisiopolítico da *yunga*, desde a Colômbia, passando pelo Peru e chegando à Bolívia, na zona lindeira com o Brasil, caracteriza-se ainda, grosso modo, como área geopolítica neutra, ou seja, despovoada, com caracterizada fronteira faixa.

Seriam, no entanto, os traços equatorianos de enlace Colômbia/Peru, os fatores geradores de uma geopolítica de confronto, acirrada no século XIX, no momento em que as unidades administrativas aí instaladas por Castela tratavam de se separar politicamente da metrópole.

EVOLUÇÃO GEOPOLÍTICA COLONIAL

Durante a rápida conquista norte/sul levada a efeito por Castelo, ainda no século XVI, a administração da América do Sul esteve centralizada em Cuzco/Lima, cidades que capitalizavam o vasto espaço denominado Vice-Reinado do Peru (Mapa 2A).

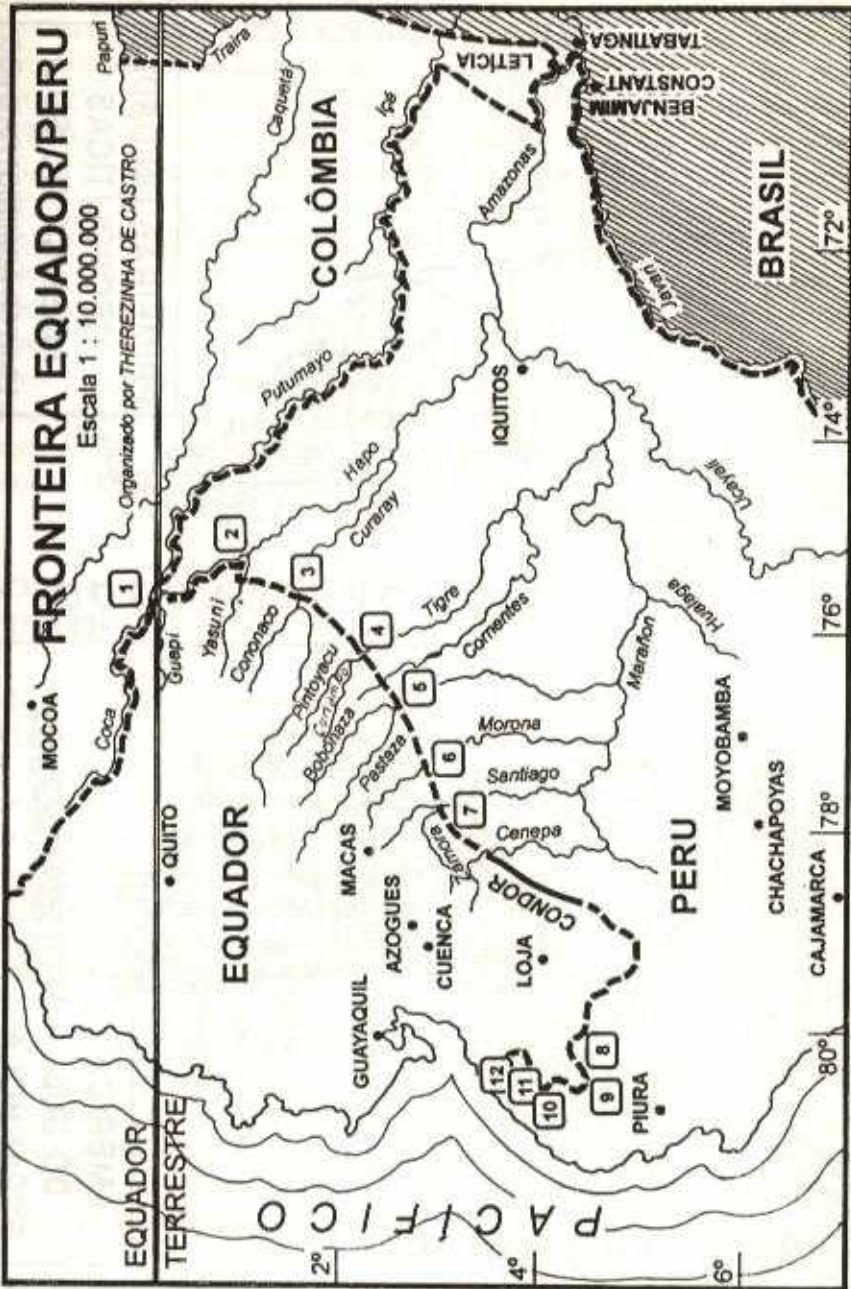
Nos dois extremos, entregues a governos militares, ficavam as regiões que, por serem consideradas de valor geoestratégico, foram transformadas em Capitânias Gerais. A do Chile, na retaguarda do ângulo morto que então formava o Pacífico, de navegação secundária em relação ao Atlântico, e a da Venezuela, na vanguarda conturbada do Caribe, infestada por bucaneiros, flibusteiros e piratas abrigados nas ilhas antilhanas e, posteriormente, no escudo guianense.

Uma zona geopolítica neutra separava, na época, os espanhóis e portugueses, com esses últimos bem mais ocupados em sua faixa litorânea delimitada por Tordesilhas, inteiramente dependente do Atlântico.

No setor do Pacífico, afluía para Lima toda a riqueza representada pelo ouro e pela prata que, seguindo para o norte, era exportada pelo istmo do Panamá, via Atlântico, o que tornava Buenos Aires um porto secundário.

Com a união das monarquias ibéricas (1580-1640), revertia-se a situação. Desaparecia o limite de Tordesilhas, dinamizando-se a zona geopolítica neutra, com as Bandeiras se adentrando no continente com o consentimento dos Bourbons, já instalados em Madri.

Assim, vemos que, no século XVIII, os portugueses haviam implantado postos avançados no *hinterland* (Mapa 2B). Em contra-



MAPA 1

MAPA 2B



PRIMEIRAS UNIDADES
GEOPLÍTICAS
(AMÉRICA DO SUL)
LIMITES ADMINISTRATIVOS
APROXIMADOS

MAPA 2A



AMÉRICA
DO SUL
ESPANHOLA
(SÉCULO XVI)

▨ CAPITANIAS GERAIS
CHILE E VENEZUELA
▨ VICE REINADO DO PERU

ORGANIZADO POR THEREZINHA DE CASTRO

partida, a ocupação da Colônia do Sacramento, na foz do Prata, pelos portugueses, levaria o Governo espanhol, já perdedor de vasto território sul-americano pelo Tratado de Madri (1750), a criar o *Vice-Reinado do Prata* (1763), enquanto a capital do Estado do Brasil era transferida, no mesmo ano, de Salvador para o Rio de Janeiro.

Ante o *cantonalismo geopolítico da descentralização*, para melhor conservar seus territórios ameaçados, esfacelava-se o espaço comandado por Lima. Além da unidade administrativa no Prata, impunha-se o *Vice-Reinado de Nova Granada*, que se isolava ainda mais do Peru, com a interposição da *Audiência de Quito*.

ESFACELAMENTO GEOPOLÍTICO

O século XIX iria se caracterizar pela desagregação dos impérios coloniais da América do Sul. No entanto, a sistemática histórica seria bem diferente nos setores hispânico e português. O Brasil — já Reino Unido ao de Portugal e Algarve, desde 1816 — caminharia coeso para a independência, com o maçom azul José Bonifácio conduzindo o processo dentro do sistema monárquico. Na América Hispânica, abundaram os líderes, enquanto o maçom vermelho, Simon Bolívar, adepto da república, se encontrava com o maçom azul, San Martín. Na conferência entre os dois, em território equatoriano de Guayaquil, na então Audiência de Quito, seria selado o destino de uma América Hispânica irremediavelmente esfacelada, na qual, conseqüentemente, seriam gerados litígios de fronteiras. Desentenderam-se Bolívar e San Martín, em 1822, coincidentemente no mesmo

ano em que se concretizava, no Brasil, a independência dentro da unidade nacional.

A centralização levada a efeito no Rio de Janeiro, contrastava com a campanha de libertadores que começaram no sul — Assunção (1810), atingiram Buenos Aires e Santiago (1816-1818) — para eclodir no norte — Colômbia e Venezuela (1819), alcançando o epicentro reacionário de Lima (1821). Completava-se o esfacelamento geopolítico com a disputa do Equador, então Audiência de Quito (1822), onde se desfazia o sonho da Grã-Colômbia, e o esfacelamento do Prata, com a dissidência da Bolívia (1825).

O FENÔMENO DAS FRONTEIRAS FLUIDAS

As fronteiras fluidas no sul e o desejo sub-reptício da restauração tornaram o Prata palco de lutas durante o século XIX, com desentendimentos no Chaco (já no século XX), e resquícios da Guerra do Pacífico entre Chile, Peru e Bolívia, em que o Tratado de Ancón (1883) condenava os bolivianos a perderem, para os chilenos, Antofagasta, o seu único litoral. Era a conseqüência natural do repúdio à fronteira geohistórica, formadora no passado de um todo de língua espanhola, ter sido desarticulada por várias fronteiras políticas.

O fato se repetia na área andina e de yungas formada pela Audiência de Quito, que a Colômbia, herdeira do Vice-Reinado de Nova Granada, reclamava para sua jurisdição, já se sobrepondo e se confundindo com a Comandância de Mainas, considerada pelo Governo de Lima como uma das oito Intendências integradas ao Vice-Reinado do Peru. E seria justamente nesse impasse de

fronteiras fluidas que o Equador, tal como a Bolívia, nasceria como "mero expediente da História".

Eis, pois, a origem de todo o processo histórico do século XX, estruturado pelo impasse de fronteiras fluidas, e, nesse contexto, a subtração territorial sofrida pelo Equador, o herdeiro da Audiência de Quito, por parte de seus vizinhos, Colômbia e Peru (Mapa 3).

Nessa disputa de fronteiras fluidas, a Bolívia, o segundo maior país da América Latina, tornava-se o 5º em área, enquanto o Equador, hoje com 270.670 km², só possui área maior que a do Uruguai, quando se destaca que, no passado, a Audiência de Quito se envolvia numa área de aproximadamente 1.037.890 km².

A QUESTÃO DE CÔNDOR

Tendo perdido grande parte de seu espaço vital, o Equador deixava de fazer fronteira com o Brasil e ficava, praticamente, alijado do complexo amazônico. É fato que o governo equatoriano se ressentia com a partilha de terras da Audiência de Quito entre o Peru e a Colômbia, muito embora o projeto inicial, menos ambicioso, venha se resumindo no território contestado na Cordilheira de Côndor e saída para o Marañon via Rio Canepa, englobando uma área que se diz rica em ouro, petróleo e urânio (Mapa 1). Envolvem-se, nesses 78km de montanhas com matas amazônicas, os conflitos de 1941, 1981 e 1995.

Em 1942, o Peru e o Equador assinaram o Protocolo do Rio tendo, como países garantes, o Brasil, a Argentina, o Chile e os Estados Unidos. Caberia então ao brasileiro

Brás Dias de Aguiar estabelecer a Cordilheira de Côndor como linha divisória. Esta seria reconhecida pelo Peru, porém, repudiada pelo Equador, que declarava, em 1947, inexecutável o Protocolo do Rio — inexecutável, porque o Equador discorda do traçado de fronteira, não somente na Cordilheira de Côndor, mas em outros diferentes pontos à saber: na Província de Napo na junção do Lagartococha-Guapi; na confluência Yasini/Napo na Província de Pastaza; na emboadura Cononaco/Curaray; na confluência Cunambo/Pintoyacu; no encontro do Bombonaza/Pastaza na Província de Morona-Santiago; na Cooperativa Morona; no contraforte Santiago; na Província de El Oro — Ilha de Maracá; na Ilha Lopez; no Codo de Huaquillas; no Canal de Zarumilla e no Codo de Hualtaco.

"No impasse de fronteiras fluidas, o Equador, tal como a Bolívia, nasceria como 'mero expediente da História'."

Esses pontos de atrito demonstram que o Equador pleiteia, na realidade, seu território geostórico da Audiência de Quito. No momento em que este era disputado pelo Peru e a Colômbia, em 1829, Larrea y Loredó, na carta que enviava à sua Chancelaria, no dia 29 de setembro do mesmo ano, afirmava: "O Marañon é o limite mais natural e marcante entre os territórios de ambos e o mesmo que assinalam os mapas antigos e modernos." Conclui-se, pois, que a tese geopolítica do Equador é a reintegração de seu território colonial geostórico, com sua saída pelo Marañon/Amazonas, quando então será efetivamente um país amazônico.



MAPA 3

“A ‘Questão de Côndor’ é somente um rastilho de pólvora no contexto de fronteiras fluidas e guerras de conquista no seio do anfiteatro amazônico.”

Sem aceitar o Protocolo do Rio, o Governo de Quito propôs, ao de Lima, entregar a questão litigiosa ao Papa João Paulo II, que este já se destacou como árbitro no contencioso do Canal de Beagle, entre o Chile e a Argentina. O Peru, satisfeito com o Protocolo do Rio, não aceitou a proposta. Daí a luta entre os dois países, em especial no *punctum dolens* do Rio Cenepa, com um curso de aproximadamente 200 km, vertendo suas águas para o Marañon.

CONCLUSÃO

Os fundamentos geoistóricos, geopolíticos e geoestratégicos de fronteiras fluidas em disputa se estendem não só pela fronteira Peru-Ecuador, mas também por outras zonas

lindeiras da vulnerável Amazônia, onde o Poder Latente vem atijando, cada vez mais, a cobiça internacional. Fronteiras contestadas subsistem entre Suriname e Guiana, Venezuela e Guiana, Colômbia e Venezuela — reflexo de fronteiras fluidas numa Amazônia vulnerável, com seus primórdios nas guerras de independência, com o esfacelamento da Grã-Colômbia, com o Peru derrotado pela Colômbia, na Guerra de 1828-1829, com a derrota do Equador pelo Peru, numa guerra em 1860, com a Colômbia ocupando Letícia, numa cunha entre o Içá e o Amazonas (1932-1934) e a retirada das tropas peruanas (1938).

A questão de Côndor é, assim, somente um simples rastilho de pólvora no contexto de fronteiras fluidas e guerras de conquista no seio do anfiteatro amazônico, onde a “balcanização” com reservas indígenas, vem torná-lo ainda mais frágil, destacando-se o perigoso precedente em fronteira, na faixa do Brasil/Venezuela, de uma manobrável “nação ianomâmi”. Daí a conveniência da revisão do Decreto de 1992 que criou esse “quisto” numa zona proibida pela Constituição, do revigoramento do Projeto Calha Norte e do fortalecimento do Pacto Amazônico. □

BIBLIOGRAFIA

- Atlas de História de Espanha* — Coordenado por J. Vicens Vives — Editorial Teide, S.A. — Barcelona, 1965.
- Atlas de História Universal* — Coordenado por J. Vicens Vives — Editorial Teide, S.A. — Barcelona, 1966.
- BARBAGELATA, Hugo D. *Histoire de la Amerique Espagnole*. Librairie Armand Collin, Paris, 1949.
- CASTRO, Therezinha de. *Nossa América: Geopolítica Comparada*. Edição IBGE/Pedro II, Rio, 1994.
- CHAVES, Julio Cesar. *San Martin y Bolivar en Guayaquil*. Editorial Ayacucho, Buenos Aires, 1950.
- FREITAS, Airton Salgueiro de, Cap. *As Repúblicas Hispano-Americanas*. Biblioteca Militar, Rio, 1945.

- GALLEGOS, Paco Moncayo, General. *El Protocolo de Rio a la Luz de la Geopolítica Contemporánea* — in Revista de las Fuerzas Armadas del Ecuador n° 104, Año XXXIII, fevereiro de 1992.
- MALAGRIDA, Carlos Badia D. *El Factor Geográfico en la Política Sudamericana*. Establecimiento Tipográfico de Jaime Ratés, Madri, 1919.
- MARURI, Angel N. Bedoya, Ten-Cel. *El Amazonas — Rio de Orellana* — in Revista de las Fuerzas Armadas del Ecuador, n° 104, Año XXXIII, fevereiro de 1992.

ENFIM, UMA RECEPCIONISTA QUE ALÉM DE BONITA, TOCA MÚSICA, ATENDE 40 LIGAÇÕES POR MINUTO E SÓ PEDE AUMENTO DE TRABALHO.



O PABX MAX Monytel vem com a exclusiva Recepcionista Digital. Bonita, moderna, ela atende qualquer ligação, mesmo que a telefonista esteja ocupada. Nesse caso, ela pede numa gravação que a pessoa aguarde, enquanto ouve uma música de espera.

Assim que a telefonista desocupar, ela completa a ligação. Não deixe sua empresa perder um negócio por telefone ocupado. Instale o PABX MAX Monytel com exclusiva Recepcionista Digital. Uma linha sempre aberta para um negócio fechado.

MONYTEL

O IMPULSO QUE SUA EMPRESA PRECISA.

MONYTEL ELETRÔNICA E TELECOMUNICAÇÕES LTDA.
Av. Miguel Frias e Vasconcelos, 1205 - Jaguaré - 05345
São Paulo - SP - Fone: (011) 268-2077
FAX: (011) 819-3459 - Telex: (011) 811307